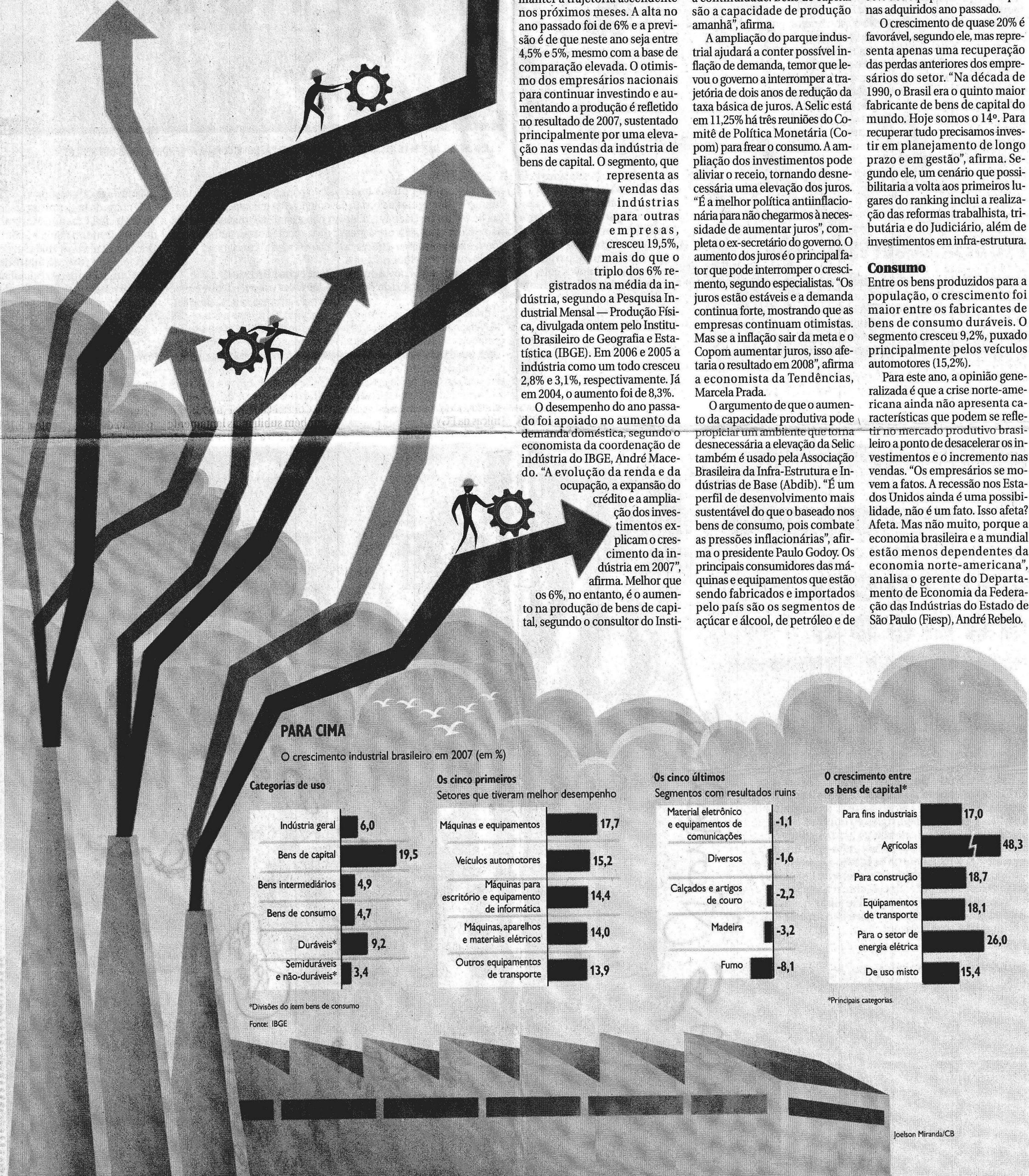


UM ANO ETANTO



Indústria cresce 6% em 2007, puxada pelas vendas de bens de capital. Especialistas acreditam que investimento nas fábricas manterá o bom desempenho em 2008

MARIANA FLORES

DA EQUIPE DO CORREIO

A produção industrial brasileira registrou em 2007 o maior crescimento dos últimos três anos e deve manter a trajetória ascendente nos próximos meses. A alta no ano passado foi de 6% e a previsão é de que neste ano seja entre 4,5% e 5%, mesmo com a base de comparação elevada. O otimismo dos empresários nacionais para continuar investindo e aumentando a produção é refletido no resultado de 2007, sustentado principalmente por uma elevação nas vendas da indústria de bens de capital. O segmento, que

representa as vendas das indústrias para outras empresas, cresceu 19,5%, mais do que o triplo dos 6% registrados na média da indústria, segundo a Pesquisa Industrial Mensal — Produção Física, divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2006 e 2005 a indústria como um todo cresceu 2,8% e 3,1%, respectivamente. Já em 2004, o aumento foi de 8,3%.

O desempenho do ano passado foi apoiado no aumento da demanda doméstica, segundo o economista da coordenação de indústria do IBGE, André Mace-
do. "A evolução da renda e da ocupação, a expansão do crédito e a ampliação dos investimentos explicam o crescimento da indústria em 2007", afirma. Melhor que os 6%, no entanto, é o aumento na produção de bens de capital, segundo o consultor do Insti-

tuto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio Gomes de Almeida, ex-secretário de Política Econômica. "Do lado quantitativo, o resultado foi bom. Mas do qualitativo foi melhor. É o tipo de crescimento que garante a continuidade. Bens de capital são a capacidade de produção amanhã", afirma.

A ampliação do parque industrial ajudará a conter possível inflação de demanda, temor que levou o governo a interromper a trajetória de dois anos de redução da taxa básica de juros. A Selic está em 11,25% há três reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom) para frear o consumo. A ampliação dos investimentos pode aliviar o receio, tornando desnecessária uma elevação dos juros. "É a melhor política antiinflacionária para não chegarmos à necessidade de aumentar juros", completa o ex-secretário do governo. O aumento dos juros é o principal fator que pode interromper o crescimento, segundo especialistas. "Os juros estão estáveis e a demanda continua forte, mostrando que as empresas continuam otimistas. Mas se a inflação sair da meta e o Copom aumentar juros, isso afetaria o resultado em 2008", afirma a economista da Tendências, Marcela Prada.

O argumento de que o aumento da capacidade produtiva pode propiciar um ambiente que torna desnecessária a elevação da Selic também é usado pela Associação Brasileira da Infra-Estrutura e Indústrias de Base (Abdib). "É um perfil de desenvolvimento mais sustentável do que o baseado nos bens de consumo, pois combate as pressões inflacionárias", afirma o presidente Paulo Godoy. Os principais consumidores das máquinas e equipamentos que estão sendo fabricados e importados pelo país são os segmentos de açúcar e álcool, de petróleo e de

gás, de cimento e de mineração, de papel e celulose e a siderurgia, segundo o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Luiz Aubert Neto. Juntos os cinco setores compraram quase 90% dos equipamentos e máquinas adquiridos ano passado.

O crescimento de quase 20% é favorável, segundo ele, mas representa apenas uma recuperação das perdas anteriores dos empresários do setor. "Na década de 1990, o Brasil era o quinto maior fabricante de bens de capital do mundo. Hoje somos o 14º. Para recuperar tudo precisamos investir em planejamento de longo prazo e em gestão", afirma. Segundo ele, um cenário que possibiliteria a volta aos primeiros lugares do ranking inclui a realização das reformas trabalhista, tributária e o Judiciário, além de investimentos em infra-estrutura.

Consumo

Entre os bens produzidos para a população, o crescimento foi maior entre os fabricantes de bens de consumo duráveis. O segmento cresceu 9,2%, puxado principalmente pelos veículos automotores (15,2%).

Para este ano, a opinião generalizada é que a crise norte-americana ainda não apresenta características que podem se refletir no mercado produtivo brasileiro a ponto de desacelerar os investimentos e o incremento nas vendas. "Os empresários se movem a fatos. A recessão nos Estados Unidos ainda é uma possibilidade, não é um fato. Isso afeta? Afeta. Mas não muito, porque a economia brasileira e a mundial estão menos dependentes da economia norte-americana", analisa o gerente do Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), André Rebelo.